

DE VERSÕES MUTANTES E LAMA NO VENTILADOR: A QUESTÃO DA HISTÓRIA NA LITERATURA PÓS COLONIAL

LYNN MARIO T. MENEZES DE SOUZA
(USP)

“Time yields (...) Time lifts its skirt like a radioactive whore “
Wilson Harris (1987:53-54)

Levinson (1983:53) define a pragmática de maneira geral nos seguintes termos:

É possível computar, a partir de seqüências de falas, tomadas juntamente com suposições básicas sobre o uso da língua, inferências altamente detalhadas sobre a natureza das suposições feitas pelos interlocutores e os propósitos por trás das falas. Para poder participar do uso normal da língua, deve ser possível fazer tais cálculos, tanto na produção quanto na interpretação. Essa habilidade independe de usos, sentimentos e crenças idiossincráticos (embora possa incluir os que são compartilhados pelos interlocutores), e se baseia, em grande parte em princípios regulares e relativamente abstratos. A pragmática pode ser entendida como a descrição dessa habilidade, de como ela funciona tanto para línguas específicas quanto para a linguagem em geral. Tal descrição certamente deve ter um lugar em qualquer teoria geral da lingüística.

Levinson parece pressupor interlocutores com conhecimentos idênticos ou ‘compartilhados’ e, portanto, com características socioculturais homogêneos - o que pressupõe a vigência de um comportamento lingüístico normativo regendo, de forma igual, ambos os interlocutores; os casos contrários, heterogêneos e descentralizadores, são vistos como marginais para a pragmática de Levinson, e são definidos como sendo da alçada da sociolinguística ou da pragmática ‘aplicada’ ou ‘contrastiva (op.cit: 374-377).

Van Dijk (1992: 83) admite que as descrições do uso contextualizado de uma língua por seus usuários sofre de um certo nível de abstração e idealização, mas descarta essas limitações como meros detalhes:

Nem mesmo queremos enfatizar a cada momento que o processo de compreensão que buscamos modelar seja um tanto idealista. As limitações aqui apresentadas deverão ser consideradas como delimitadoras para o modelo que será apresentado (Op.cit. 21-22).

E termina admitindo que a pragmática ('cognitiva') ainda não tem todos os insights sobre o uso da linguagem para formar uma teoria empírica da ação em geral (op.cit. 97).

Contra essas idealizações e abstrações, que eliminam de seu foco de análise casos de interação verbal que, por sua heterogeneidade, são considerados 'marginais', Fairclough (1992: 47) parte dessas limitações da pragmática para justificar a existência da análise do discurso:

a relação entre uma fala e seu contexto verbal e situacional não é transparente: a maneira pela qual o contexto afeta o que é dito e o que é escrito, e a maneira como serão interpretados varia de uma formação discursiva para outra (...) Não se pode simplesmente apelar ao 'contexto' para explicar o que é dito e o que é escrito - e como esses são interpretados - como fazem muitos lingüistas na sociolinguística e na pragmática

Esse dilema da idealização e da abstração e suas conseqüentes limitações acompanha toda tentativa de descrever um fenômeno social em termos estáticos e normativos; áreas de conhecimento, como a pragmática, que buscam representar os conhecimentos sobre seus objetos de análise em termos de modelos acabam cedendo a esses encantos escusos da normatividade.

Para Bakhtin (1989), as abordagens normatizadas da linguagem são condenadas ao fracasso porque valorizam apenas uma das duas forças presentes em qualquer fenômeno social: a força **centrípeta** - centralizadora e normativa - e a força **centrífuga** - descentralizadora e desagregadora. As duas forças são inseparáveis e agem simultaneamente sobre a linguagem:

*Uma língua unitária comum consiste num sistema de normas lingüísticas. Essas normas, porém, não constituem um imperativo abstrato; pelo contrário, são as forças geradoras da vida lingüística, forças que lutam para vencer a heteroglossia da linguagem, forças que unificam e centralizam o pensamento verbal-ideológico, criando dentro de **uma** língua nacional heteroglota o núcleo lingüístico firme e estável de uma língua literária oficialmente reconhecida, ou então, defendendo uma língua já formada da pressão de uma heteroglossia crescente. (...) Ao lado das forças centrípetas, as forças centrífugas da linguagem continuam seu trabalho ininterrupto; ao lado da centralização e da unificação, os processos ininterruptos da descentralização e da desunificação continuam (198-199)*

Para Bakhtin, portanto, uma visão normativa ou normatizada da linguagem só pode existir numa relação dialética com os elementos que ela exclui, sofrendo, inevitavelmente, as pressões descentralizadoras e heteroglóssicas desses. A partir disso, o conceito de norma passa a ser o de

uma unidade permeada por contradições e tensões oriundas das duas tendências conflitantes na vida da linguagem (ibid).

O postulado positivista de regularidade e de sistema acaba afastando os casos de heterogeneidade, conflito ou discrepância do foco de atenção da pragmática, casos esses que, segundo Bakhtin, se tomam indispensáveis, visto que é justamente a partir de sua diferença, por subtração ou por suplementação (Derrida 1976:141-164)¹, que se define o objeto de desejo da lingüística e da pragmática: a regra, o sistema, a norma. É justamente na incomensurabilidade das forças contrárias da linguagem e na assimetria das relações de poder entre os interlocutores que reside toda a força da linguagem. É aqui que a noção de ‘contexto’ adquire as matizes da dimensão da história.

O objetivo deste trabalho, porém, não é de discutir a pragmática propriamente dita, mas de usar a pragmática como pano de fundo para uma reflexão sobre os conflitos em torno do conceito de história e suas implicações nas literaturas pós coloniais de língua inglesa.

Essas literaturas têm se dedicado em larga escala a oferecer resistência à normatização do processo colonial, desmascarando e desmistificando a autoridade colonizadora européia e seus valores excludores, delineando assim, uma estratégia descolonizante que visa à recuperação ou criação de identidades alternativas. Não são todos os escritores, porém, que procuram substituir a norma colonial por outra - pré- ou anticolonial. Alguns escritores, como Salman Rushdie e Wilson Harris procuram questionar o próprio conceito de norma em vários níveis: literário, lingüístico, cultural e histórico (Menezes de Souza 1992).

O escritor indo-britânico, Salman Rushdie, começa um capítulo de seu romance **The Satanic Verses** com as palavras “*Kan ma kan / Fi Qadim azzaman... It was so, it was not, in a lime long forgot*” (1988:143) chamando atenção à ficcionalidade da história e à historicidade da ficção, conceitos hoje em dia bastante difundidos na historiografia contemporânea, e com uma relevância mordaz para uma cultura pós colonial, uma vez que a processo colonial britânico se caracterizou pela tentativa de

¹ O tropo do suplemento de Derrida (1976) está inscrito na economia de *différance* e de escritura de Derrida e gera o que mais especificamente ele chama de «economia do suplemento» (1976:141-164). Para Derrida, essa economia do suplemento é marcada por dois aspectos ambivalentes que são «estranhos porém necessários». Por um lado, o suplemento pode ser visto como plenitude/presença, em si completo, na posição de adjunto à coisa suplementada, que por sua vez também pode ser vista como plenitude/presença. Nesse sentido, o suplemento (no caso, aquilo que é excluído pela norma) é aditivo e acumula presença/plenitude em justaposição ao ‘original’ (norma) ou coisa suplementada. Por outro lado, o suplemento também pode ser um mero apêndice que acrescenta algo ao ‘original’ (norma), adquirindo assim a função de suprir uma lacuna existente na plenitude/presença do ‘original’. Dessa forma, porém, o suplemento, embora subalterno, aponta e compensa uma falha, uma lacuna no ‘original’; ao fazer isso, o suplemento coloca em dúvida a putativa plenitude do ‘original’. O suplemento, assim, derruba a autoridade do original ao insinuar sua subalternidade nos interstícios desse ‘original’.

impor, normativamente, não apenas uma língua - o inglês - mas também uma religião, uma civilização e uma história; impôs-se, em suma, o que Bhabha (1985:102) chama de *'The English Book'* que veio acompanhado por regras normatizadas de interpretação, ignorando o fato de que os processos de interpretação engajam os intérpretes num processo de construção de suposições que não estão no texto, que são de natureza ideológica, e que, para tanto, dependem dos recursos e das posições sociais dos intérpretes (Fairclough 1992:29).

O historiador Hayden White (1992:17-18) chama a atenção aos motivos ideológicos por trás de uma visão homogênea e supostamente objetiva da história:

Pemadores da Europa continental - de Valery e Heidegger a Sartre, Levi-Strauss e Michel Foucault expressaram sérias dúvidas sobre o valor de uma consciência especificamente 'histórica' sublinharam o caráter fictício das reconstruções históricas e contestaram as pretensões da história a um lugar entre as ciências. (...) Em suma, é possível perceber a consciência histórica como um viés especificamente ocidental capaz de fundamentar retroativamente a presumida superioridade da moderna sociedade industrial.

Também criticando a putativa neutralidade e normatividade do discurso histórico tradicional, calcado no conceito de 'fatos', Hutcheon (1988:88-89) enfatiza a textualidade do discurso histórico enquanto construção, mas repudia tentativas de menosprezá-lo pela indeterminação inerente à sua textualidade:

Falar de provisionalidade e indeterminação não equivale a negar o conhecimento histórico (...) tanto a história quanto a ficção são discursos (...) ambos constituem sistemas de significação pelos quais entendemos o passado. Em outras palavras, o significado e a forma não estão nos acontecimentos mas sim nos sistemas que fazem com que esses 'acontecimentos' se tornem 'fatos' históricos. Isso não é uma "fuga desonesta da verdade" mas um reconhecimento da função geradora de significação dos construtos humanos (the meaning-making function of human constructs)

A história, portanto, como qualquer norma, ao invés de ter uma relação mimética com uma putativa 'realidade fatural' extrínseca, passa a ser vista como construtora e construto dessa 'realidade'.

Enquanto norma, a ligação hegemônica e centrípeta entre a história e o poder é colocado por Rushdie (1983:124) em outro romance, **Shame**, nos seguintes termos um tanto pessimistas:

History is natural selection. Mutant versions of the past struggle for dominance; new species of fact arise, and old, saurian truths go to the wall, blindfolded and smoking last cigarettes. Only the mutation, of the strong survive. The weak, the anonymous, the defeated leave few marks... History loves only those who dominate her: it is a relationship of mutual enslavement.

Nesse lamento, a consciência histórica de Rushdie enfraquece e parece vislumbrar apenas a força centrípeta das narrativas normatizadas da história, esquecendo-se de que, apesar de fracos e vencidos, os intérpretes colonizados continuam a exercer sobre elas a pressão centrífuga da heterogeneidade. Nas palavras de White (1989:31):

A consciência histórica falha quando se esquece que a 'história' no sentido tanto de eventos quanto de relatos de eventos, não acontece apenas, mas é construída. Ademais, é preciso acrescentar, ela é construída em ambos os lados das barricadas, e de forma igualmente eficaz, tanto por um lado quanto pelo outro.

No contexto de uma construção anti-canônica e heterogênea da história, pretendemos discutir, mais especificamente, como o escritor pós colonial guianense, Wilson Harris, aborda essa questão em sua obra. Pretendemos demonstrar como Harris questiona, à sua maneira, a homogeneidade, univocidade, veracidade, moralidade e canonicidade das narrativas históricas coloniais.

Em se tratando de um escritor caribenho de ascendência negra, que em vários momentos explora seus antecedentes culturais africanos, acreditamos que seja indispensável buscar na herança cultural afro-americana o conceito de *significação* (“signifying”) e suas origens na figura de Exu na mitologia afrocêntrica, visto que Harris freqüentemente se refere à figura do embusteiro (‘trickster’), variante afro-americana da divindade Exu na mitologia iorubá.

O crítico afro-americano, Gates (1984a) define a função principal do embusteiro/Exu como a de mediador ou mensageiro dos deuses; segundo Gates, cabe a Exu interpretar para os mortais a vontade dos deuses, e também cabe-lhe comunicar os desejos dos mortais aos deuses. Exu é conhecido como uma espécie de lingüista divino, guardião do *axé* (verdade/palavra) e das encruzilhadas, e mestre da fronteira mística que separa o divino do profano, funcionando como uma espécie de elo entre a metafísica humana e a metafísica divina; acima de tudo, Exu é o Intérprete Negro, a divindade iorubá da indeterminação e da heterogeneidade da significação, correspondendo, em parte ao Hermes na mitologia ocidental.

Exu, o embusteiro, pratica a retórica da *significação* que, ao invés da troca de informação pura e simples, visa perturbar a ordem, a univocidade e a homogeneidade, do significado. Segundo Gates, *significar*, neste sentido, implica numa exibição de habilidades verbais tais como caçar, bajular, lisonjear, falar em rodeios, mentir, e provocar conflitos. As estratégias de *significar* incluem a repetição e inversão, onde o *embusteiro/significante* repete, de forma irônica, as palavras de alguém com o intuito de inverter uma situação aparentemente harmoniosa. *Significar* assim se baseia numa visão da multiplicidade de significações lingüísticas, e da heterogeneidade de interpretações onde o significado de uma palavra ou mensagem é visto como dependendo mais de seu contexto de uso e de seus intérpretes do que da palavra ou mensagem em si. Dessa forma, por exemplo, uma bajulação num contexto pode se tornar uma ofensa em outro, ou, uma mensagem vista como apenas ‘informativa’ por uns, pode ser vista como altamente tendenciosa e persuasiva por outros. Acredita-se que o embusteiro/Exu sempre fale metaforicamente e que suas palavras nunca devam ser

tomadas por seu sentido aparentemente ‘literal’. A função do embusteiro/Exu, portanto, mediando entre a norma divina e a norma profana, é de descentralizar ou densedimentar o próprio conceito de norma na linguagem; cabe-lhe a tarefa de “*stir up shit*” de forma igualmente centrífuga, ‘jogar lama no ventilador’; ou seja, o embusteiro personifica a força centrífuga na linguagem e na cultura, tomando-se uma lembrança constante do caráter heteroglóssico dos fenômenos sociais.

O papel do escritor pós colonial pode, nesse sentido, ser visto como o do embusteiro/Exu, mediando entre a norma/logos da cultura colonizadora e a da cultura colonizada, entre a visão triunfante e normativa da história colonial dominante e as narrativas mitológicas dos colonizados, onde, como disse White, de ambos os lados das barricadas, cada versão se retrata de forma homogênea, linear e centrípeta pressupondo um contexto de comunicação/recepção com interlocutores/participantes ideologicamente simétricos. Procuraremos ler a obra de Wilson Harris através da perspectiva de, pela qual o autor/embusteiro busca desafiar a linearidade centrípeta aparentemente ininterrupta das narrativas históricas coloniais, chamando a atenção à heterogeneidade e não-linearidade implícitas, porém silenciadas, nessas narrativas triunfantes, apontando as brechas e abrindo fendas nelas; em suma, Harris, a guisa de embusteiro, busca incessantemente “*stir up shit*”, jogando a lama da história aos quatro ventos, liberando o significante de suas aparentes amarras históricas a um significado predeterminado; tudo isso porém, não com o intuito de exaltar a indeterminação da significação, mas, como disse Hutcheon, acima citada, para chamar a atenção ao processo humano de construção de significações e suas conseqüências hegemônicas.

Harris desenvolve em sua obra, de forma constante, a tese de que o papel do escritor pós colonial seja o de construir um discurso alegórico através do qual tanto o colonizador quanto o colonizado possam se enxergar de uma maneira nova, mais esclarecedora do que aquela permitida pelos tradicionais discursos anti-coloniais maniqueístas.

Harris parte de uma visão da história como um “sementeira palimpséstico de possibilidades múltiplas” que funcionaria como uma fonte energética de onde as gerações atuais podem tirar seu sustento a partir de constantes re-leituras do passado. O passado é visto como um depósito instável e dinâmico de legados de conquista esquecidos, de lembranças perdidas das origens. Harris iguala a memória do passado com o inconsciente, como um local e de memórias oximorônicas (“*Memory false and true*” Harris 1985a:27) em franca ebulição, onde o conhecido e o conhecível emergem de um estado de fluxo constante: daí a noção do passado como fonte de possibilidades múltiplas e latentes.

Nesse sentido, o passado apresenta-se sempre à consciência como um enigma; porém, esse enigma da memória do passado se cala perante a força centrípeta da imposição do discurso normativo dominante. Apesar de calado, contudo, esse depósito de memórias desestruturadas, como a força centrífuga da heterogeneidade, continua presente oferecendo-se ao escritor/embusteiro como fonte de conhecimentos alternativos capazes de questionar aparente homogeneidade das narrativas históricas normatizadas.

Essas narrativas dominantes são consagradas nos livros didáticos de história e impõem, segundo Harris (1989a), um olhar fixo, unívoco e linear, permitindo apenas uma leitura, e desaguando naquilo que Harris chama de “analfabetismo da imaginação”. Essa univocidade restritiva do discurso dominante é, para Harris, uma grave ameaça à sociedades interessadas em se transformarem. Os membros desse tipo de sociedade imaginativamente analfabeta só conseguem ver o mundo através de uma perspectiva homogênea e fixa e, orgulhando-se de sua estabilidade, condenam-se a repetir os erros do passado.

Em seu papel de escritor/embusteiro, Harris sentencia:

Se, por sociedades estáveis, queremos dizer que desejamos; pessoas trancafiadas em funções fixas, funções uniformes, então, para que servem essas sociedades? Para que propósito servem essas sociedades? Talvez um pouco de instabilidade em tais contextos pode vir a ter conseqüências criativas (1989a:16)

cabe, portanto, ao escritor/embusteiro introduzir essa instabilidade.

Tais sociedades estáveis e normatizadas operam de uma maneira que parece simplificar e homogenizar ‘fatos’, fazendo com que, aparentemente, não haja nenhuma dificuldade em compreendê-los. Para Harris, o conhecimento adquirido a partir desse tipo de compreensão é permeado por uma “falsa clareza” ou “desinformação” oriundas diretamente de um culto a normas homogêneas e rígidas, um culto ao realismo, à hegemonia da ciência e à crença numa transparência de fatos não mediada pela linguagem. Essas sociedades imaginativamente analfabetas, graças a sua rejeição da alteridade/heterogeneidade, acabam enaltecendo o autoritarismo e perpetrando tragédias ao longo da história:

God had made an enemy of Mankind with every commandment that he uttered. The earth had become a battlefield of fanaticisms, one party fighting another, each defending but attacking God in mauling the stranger at the gate. Each was convinced it possessed a duty to maim or to kill in upholding the laws of God. Such is the terror and the ambiguity of the Word. No wonder God tended to keep a silent tongue in His head. Or was it Her head? (1987:49-50).

Como uma forma de superar essa limitação cultural monoglóssica, causada em parte pela falta de acesso à memória e ao inconsciente e sua sementeira de múltiplas possibilidades esquecidas, em estado de latência, Harris recorre a uma estratégia de *significar* que ele denomina “estratégia de revisão”.

Essa revisão consiste em desenvolver um conceito de criatividade bastante profundo, calcado no acesso a “fósseis vivos” e “mitos arquetípicos”, ou seja, elementos culturais existentes na memória coletiva de um povo, a existência dos quais ainda não se têm consciência. Essa estratégia implica, portanto, em vasculhar minuciosamente o entulho de um passado eclipsado pelas forças centrípetas da consciência e das narrativas dominantes, um passado aparentemente esquecido, partindo de imagens ou tropos que, repentinamente, desavisadamente, sugerem

significados novos - novas 'visões' ou (visto que se trata de significados novos matizados pelas lembranças antes esquecidas do passado) 're-visões'.

No seguinte trecho de seu romance **The Four Banks of the River of Space** (1990), o narrador, ao reencontrar o espírito de um assassino, relembra a cena do latrocínio que presenciou: sem entender porque, ele assistiu, escondido, o crime sem denunciar em tempo hábil a presença do assassino ao lenhador assassinado; relembando o movimento do machado do lenhador no processo de cortar o tronco de uma árvore, processo esse interrompido pela investida da faca do assassino, o narrador vislumbra uma revisão:

The door of associations through which I had come had now swung wide. It was so close I saw something which I had not seen before (...) The high stump of the felled tree began to move in the soil of the earth. (...) It was human timber. It arose from the roots of the cross. My eyes cleared. I remembered. Someone I knew yet did not know. It was the king of thieves. He - unlike the other thief on

Calvary's hill - had rejected paradise. (...) I had glimpsed him in childhood theatre. I had glimpsed him in the protean body of my own family. Such parallels or alternative existences had come into sharpest focus now, quantum axe, quantum camera, quantum knife. (...) But simultaneously they made me acutely aware of the king of thieves as burdened with prizes and punishments. (...) I was left to reflect upon a thief upon the unishments inflicted upon him, a thief whom I knew or thought I knew. I should have recognized him in the mid-twentieth century when I worked in the Potaro River and he was a miner there, but I was blind then, I was deaf then. He was a miner-pork-knocker (in the idiom of the region). Pork-knockers live by the skin of their teeth when the payload, the paydirt, declines. (...) they scrape the last morsels from every drum or barrel of pork. It was a punishment with which many a great adventurer was familiar in the age of Homer or Virgil or Defoe. And it was on such scraps that I perceived a possibility for - the meditative genesis of - a symphony and a film on the incarnations of the king of thieves. His nickname in 1948 was 'Black Pizarro' It was a tribute to his obsession with gold and to his great namesake, the Spanish conquistador (...) who ransacked the treasures of the Incas. (...) He was the living mascot of his crew. They hated him yet he was indispensable to them. None was as gifted as he in concealing a stone in the crevices of his flesh or gold under his tongue. (...) As a consequence, in sculpting him back from the high stump of a felled tree as multi-existential fabric, as an actor or creature of many incarnations, I placed a stolen diamond in his flesh and a stolen nugget of gold over his heart. (...) I chiselled him as a thief who sought to steal in every century on earth the heaven he had lost on Calvary's hill. (...) He was both rider and ridden, golden man and slave. He was civilizations universal puppet, a civilization that took Poverty for granted, Wealth for granted (...) took the net that confined them for granted. Until the net snaps (...) as the net breaks, ones blindness melts. One sees through the (...) thief's eyes, and he sees through ones cloak of invisibility (...) a collaboration of elements, a collaboration of poverty and wealth within live fossil theatre. (1990:14-18).

Como a estratégia de *significar* do embusteiro afro-americano, essas *re-visões* representam interpretações novas, centrífugas, não previstas pelas normas das narrativas históricas canônicas. Nesse trecho, a narrativa realista normatizada pelos cânones literários ocidentais é interrompida e abandonada através de uma '*porta de associações*' que se escancara repentinamente, desencadeando uma série de imagens históricas e culturais, que, nas narrativas mestres normatizadas da cultura, são retratadas de forma estanque e homogênea sem nenhuma interligação intertextual: a crucificação do ladrão mau da narrativa bíblica, as narrativas canônicas de Defoe, Virgílio e Homero, a narrativa mestre da colonização, a '*conquista*' das Américas pelos espanhóis e a narrativa popular regional guianense dos '*pork-knockers*'. A imagem que engatilha essas associações é a madeira: do tronco da árvore cortada pelo lenhador assassinado, chega-se à madeira da cruz do ladrão mau; esse ladrão, tendo optado pelos prazeres terrestres e profanos, rejeitou a salvação eterna, tornando-se o rei dos ladrões e do profano, contrapondo-se ao Cristo, Rei dos Reis; através desse contraponto oximorônico, as imagens do Cristo e do ladrão, ao invés de se distanciarem, se aproximam inscrevendo-se numa economia do suplemento derrideano.

A figura do rei dos ladrões remete à imagem de ganhos materiais profanos, enquanto homem, acarretando simultaneamente a punição e condenação divinas. Por sua vez, essa imagem remete o leitor ao intertexto subjacente ao contraponto implícito no sofrimento/punição do Cristo enquanto homem aliviado pela sua salvação eterna enquanto Filho de Deus. Os lucros e as perdas ambíguos das figuras do ladrão mau e do Cristo, por sua vez, remetem ao tropo do aventureiro em Defoe, Virgílio, Homero, o *pork-knocker*, e o conquistador colonial; aventureiro esse que Harris retrata em termos arquetípicos como "*um ladrão que busca roubar em todos os séculos na Terra o Paraíso perdido em Calvário*". Esse tropo do aventureiro-ladrão, em seu turno, remete o leitor a uma re-leitura da imagem histórica normatizada do colonizador como alguém movido pelo desejo de levar a salvação e a civilização - o *English Book* - aos povos que não as possuíam: o colonizador é justaposto ao ladrão mau - um pecador amoral e profano movido por desejos escusos e egocêntricos - e aos heróis aventureiros míticos, desde Ulisses a Crusóé.

O uso dessas imagens canônicas - do Cristo, do conquistador, do ladrão mau, do aventureiro - são exemplos daquilo que Harris chama de '*fósseis vivos*' ou '*imagens conversíveis*', ou seja, imagens supostamente fixas e normatizadas, cuja possibilidade de interpretações novas é aparentemente esgotada, servindo de '*gatilho*' para o surgimento de novas interpretações através de inéditas associações intertextuais oximorônicas com outras imagens.

Essas remissões intertextuais ilustram a teoria de Bakhtin (1986) de que toda fala é, por natureza, intertextual, e habitada e constituída pela alteridade, pela fala de um Outro, sendo que a voz, a expressão e o sotaque do outro se fazem ouvir, em graus variados, na fala; cada falante trabalha essa alteridade na sua fala de formas diferentes. Enquanto discursos normativos, - como o das narrativas históricas oficiais - procuram calar a alteridade e a intertextualidade que os constituem, mas os ecos dessas se fazem

ouvir. E é a partir desses ecos que Harris procura dar voz aos intertextos e à alteridade já presente na linguagem e no discurso da história.

Enquanto romancista colonizado escrevendo na língua inglesa, Harris apropria-se da língua do colonizador e do discurso canônico literário ocidental e faz com que sejam imbuídos com as vozes e sotaques dos legados dos colonizados, deflagrando uma intertextualidade inédita na literatura canônica de língua inglesa. As re-visões de Harris nada mais são do que conseqüências dessa intertextualidade e da liberação da alteridade em sua voz.

O propósito desse desencadeamento de re-visões, porém, não visa à substituição maniqueísta de uma visão positiva por outra negativa; o que é almejado é a percepção das narrativas canônicas como construções dialógicas e heterogêneas, onde o eu e o outro, o passado e o presente, o colonizador e o colonizado, se encontram inscritos numa relação suplementar derrideana reagindo contra “*uma civilização que tomava por pressuposto a Pobreza, tomava por pressuposto a Riqueza, tomava por pressuposto a rede que as confinava*”.

Aqui a estratégia de revisão ou *significação* do embusteiro aparece na descrição das conseqüências da ruptura repentina da rede que faz com que a cegueira dos interlocutores se esvaece; isto é, com a ruptura da rede - que amarra os significantes de uma cultura a seus significados, instaurando seu analfabetismo da imaginação - a linguagem deixa de ser transparente, permitindo, no retomo do olhar da diferença, a *visão*: a percepção da construção heterogênea social/ideológica/histórica do eu: “*vê-se através dos olhos do ladrão e ele vê através da manta da nossa invisibilidade. ... uma colaboração de elementos*”.

Assim, Harris não procura meramente denigrir a figura do colonizador e sua visão centrípeta da história para substituí-las com imagens e narrativas contrárias, porém, igualmente centrípetas, do colonizado. Ao citar o exemplo do *pork-knocker*, Harris mostra a semelhança entre as fraquezas humanas tanto do colonizador quanto do colonizado. Ambos são vítimas de seus desejos: ambos vivem vidas de altos e baixos, de gozos e de privações.

Na tese de Harris essa forma de questionamento constante da homogeneidade das narrativas históricas normatizadas, essa centrifugação das imagens recebidas, essa jogada da lama da história no ventilador, serve para corrigir as ‘*falsas clarezas*’ e leva ao desenvolvimento de uma ‘*imaginação letrada*’ ou senso crítico.

Convém repetir que a estratégia de re-visão de Harris, como as estratégias de *significar*, não se refugiam num maniqueísmo fácil. Afinal, cabe ao embusteiro fazer com que seus intérpretes assumam a responsabilidade pela construção de seus próprios significados, de suas próprias interpretações e não consumir passivamente os significados sedimentados - *prêt à porter* - das interpretações autorizadas/normatizadas:

o homem só superará sua condição pré-histórica quando todos seus deuses falharem, e quando essa falência, que deixará o homem vulnerável, abrir o caminho para a necessidade do auto conhecimento e da compreensão científica de seu meio ambiente. (Harris 1967:17).

Para Harris, o semelhante e o diferente, o eu e o outro são elementos mutuamente imbricados numa heterogeneidade não polarizada, sendo a fonte da riqueza das possibilidades múltiplas. Harris adverte que o perigo de sistemas centralizados está em suas polarizações hierarquizadas que, calcados num desejo de homogeneidade, procuram eliminar a diferença. Essas polarizações, visíveis nas versões coloniais da história, e suas conseqüentes imposições de normas monológicas, levam à violência, à humilhação e ao sofrimento.

Como a *significação* do embusteiro/Exu, Harris procura deflagrar em suas representações do passado, um processo de tradução ou negociação entre polos/normas/logos opostos, engatilhando o que ele chama de um ‘ensaio infinito’ entre os papéis de personagens polarizados: o conquistador pode assim ensaiar o papel do conquistado, o narrador o papel do personagem, o presente o papel do passado e vice versa.

Isso resultará no fim de discursos monologicamente normatizados, e abrirá o cantinho para que as narrativas - do romance, da história - de letras mortas, adquiram vida, heterogenizam-se, cada significado tomando-se outro significante num processo de *différance* de significação instável e inesgotável:

(...) time is partial, the past and the present and the future are parts of an unfathomable Carnival whole beyond total capture. Thus the past, as much as the future, bears upon the present, they are the children of the present but they also parent the present. The hidden past affects the present even as it emerges through present discoveries as a new, unsuspected force (Harris 1985a:31).

Porém, como já repetimos acima, não se trata de um jogo fútil de significantes livres, que independem de intérpretes e contextos, mas sim, descentralizados, que antecipam intérpretes ideologicamente organizados, bakhtinianamente, de forma heteroglóssica, onde a norma que lhes impõe a significação, ao invés de ser eliminada, é ‘des-generalizada’ ou particularizada, passando a ser vista como uma função ou papel e não um conjunto fixo e estável.

A relação entre uma interpretação ou versão normativa e uma não-normativa, dessa forma, pode ser melhor entendida nos termos dialógicos do ‘suplemento’ derrideano - onde a interpretação normativa é pressionada, complementada e desafiada pelas interpretações não normativas - até que, segundo Harris, usando a metáfora teatral, só pode haver um “*ensaio infinito*” sem nunca haver uma “estrela” ou apresentação final.

E assim, Harris, enquanto embusteiro/escritor pós colonial, vasculha e joga a lama sedimentada da história no ventilador incessante das interpretações, engendrando as versões mutantes previstas por Rushdie, superando, porém, uma simplista sobrevivência darwiniana dos mais fortes.

A história enquanto narrativa, portanto - como as normas da linguagem - não depende do contexto, nem tampouco de intérpretes travados em relações sociais e de poder; e, envoltas em sua heterogeneidade, a história e a linguagem sempre excederão as normas interpretativas que lhes são impostas. Para o escritor pós colonial, trata-se

finalmente, de uma luta entre seduzir a prostituta contaminada da história (norma/linguagem) ou ceder a seus encantos duvidosos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, M.M. **Speech Genres and Other Late Essays**, Univ. of Texas Press, Austin, 1986.
_____. *Discourse in the Novel* in Rice, 1989
- BHABHA, H.K. **The Location of Culture**, Routledge, London, 1994.
- BUTCHER, M. (ed.) **Tibisiri Caribbean writers and critics**, Dangaroo, Sydney, 1989.
- COHEN, R. (ed.) **The Future of Literary Theory**, Routledge, New York, 1989.
- DERRIDA, J. **Of Grammatology**, Johns Hopkins Univ. Press, Baltimore, 1976.
- FAIRCLOUGH, N. **Discourse and Social Change**, Polity, Cainbridge, 1992.
- GATES, H.L. 1984a **Black Literature and Literary Theory**, Methuen, London
_____. 1984b *the Blackness of Blackness: A Critique of the Sign and the SignifyingMonkey* in Gates 1984a pp. 285-321.
- GILKES, M. (ed.) **The Literate Imagination: essays on the novels of Wilson Harris**, London, Macnúllan, 1989.
- HARRIS, W. **Tradition, The Writer and Society**, New Beacon, London, 1967.
_____. **The Palace of the Peacock**, Faber, London, 1985.
_____. **Carnival**, Faber, London, 1985(a).
_____. **The Infinite Rehearsal**, Faber, London, 1987.
_____. *Literacy and the Imagination* in Gilkes 1989(a).
_____. 'Validation offication: a personal view of imaginative truth' in Butcher, 1989(b).
_____. 'Comedy and modern allegory' in Maes-Jelinek, 1989(c).
_____. **The Four Banks of the River of Space**, Faber, London, 1990.
_____. *Me Radical Imagination* in Riach 1992
- HUTCHEON, L. 1988 **A Poetics of Postmodernism**, Routledge, London, 1988.
- LEVINSON, S. C. **Pragmatics**, Cambridge University Press, Cambridge, 1983.
- MAES-JELINEK, H. (ed.) 1989 **A Shaping of Connections**, Dangaroo, Sydney, 1989.
- MENEZES DE SOUZA, L.M. **O Rato que Ruge: o discurso pós colonial como suplemento**, (tese de doutorado não publicada), PUC-SP, 1992.
- RIACH, A., Williams, M. (eds.) **The Radical Imagination: Lectures and Talks by Wilson Harris**, Univ. of Liège Press Liège, 1992.
- RICE, P., Waugh, P. 1989 **Modern Literary Theory**, E. Arnold, London
Rushdie, S. 1983 **Shame**, Picador, London.
- RUSHDIE, S. **The Satanic Verses**, Viking, London, 1988.
- VAN DIJK, T. **Cognição, Discurso e Interação**, Contexto, São Paulo, 1992.

WHITE, H. "*Figuring the nature of the times deceased*": *Literary theory and historical Writing in Cohen*, 1989
_____. **Meta-História**, EDUSP, São Paulo, 1992.